

SUSTENTABILIDADE E MORDENIDADE NA COMUNIDADE DE BOM SOCORRO DO ZÉ AÇU/MUNICÍPIO DE PARINTINS.

Sirley de Paula Gato*
Charlene Maria Muniz da Silva**

RESUMO

Este artigo buscou compreender as principais consequências do processo de modernização e da relação rural e urbano na comunidade do Bom Socorro do Zé Açú, localizada no município de Parintins-AM. A comunidade vem passando por um processo de mudanças em sua estrutura espacial e sociocultural, porém, essas mudanças que ocorrem em áreas rurais são inerentes a chegada de aspectos de vida moderna ocasionando essas transformações. A partir dessas mudanças buscou-se apontar como essa intensificação da relação rural e urbano (cidade/campo) afetam a sustentabilidade dessa comunidade. Realizou-se um levantamento tipo survey com aplicação de formulários, observação participante, entrevistas individuais e coletivas, o que nos permitiu identificar os problemas em sua dimensão social, econômica, cultural e ambiental. Há pouca presença de órgãos ambientais e institutos de pesquisa para que se possam evitar/mitigar esses problemas que afetam o modo de vida da comunidade. Logo, esse trabalho organizou, com base nas respostas dos moradores possíveis caminhos para a sustentabilidade no território do Zé Açú, que podem ajudar, as políticas públicas votadas a essa localidade, que garanta o equilíbrio entre os ecossistemas e os sujeitos que os utilizam.

PALAVRAS-CHAVE: Rural; Urbano; Sustentabilidade; Comunidades; Modificações.

ABSTRACT

This article sought to understand the main consequences of the rural and urban relationship in the community of Bom Socorro do Zé Açú, located in the municipality of

* Graduanda do curso de geografia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CESP. E-mail: sdpg.geo18@uea.edu.br.

** Professora Doutora da Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CESP. E-mail: cmmdsilva@uea.edu.br

Parintins-AM. The community has been going through a process of changes in its spatial and sociocultural structure, however, these changes that occur in rural areas are inherent to the arrival of aspects of modern life, causing transformations. Based on these changes, we sought to point out how this intensification of the rural and urban relationship (city/country) affects the sustainability of this community. A survey was carried out with the application of forms, participant observation, individual and collective interviews, which allowed us to identify the problems in their social, economic, cultural and environmental dimensions. There is little presence of environmental agencies and research institutes to prevent/mitigate these problems that affect the community's way of life. Therefore, the main task of this work was to seek possible paths to sustainability in the territory of Zé Açu that will help to guarantee the balance between the ecosystems and the subjects that use them.

KEYWORDS: Rural; Urban; Sustainability; Communities; Modifications.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos as comunidades localizadas as margens dos rios passam por um processo de mudanças cada vez mais acelerado, pois as mesmas antes tinham características peculiares de uma comunidade tradicional, porém atualmente encontra-se bastante alterada por elementos que são típicos da cidade. Devido a essas modificações buscou-se compreender o comportamento dessa população mediante a essas mudanças em relação a esse novo rural, e quais os problemas que essas comunidades enfrentam à medida que tudo vai se modernizando. E entender como a relação rural e urbano afetam a sustentabilidade do local, devido esse processo de transformação.

Atualmente cerca de 310 famílias residem na comunidade, que aos poucos veio adquirindo uma estrutura típica de uma pequena cidade com ruas pavimentadas, comércios, posto de saúde, e uma escola com boa estrutura, além de água encanada e energia elétrica. Assim como no espaço físico as relações sociais, econômicas, crenças, e costumes sofreram com essas mudanças. Onde à medida que esses lugares vão se expandindo geram também um desequilíbrio na natureza em decorrência da intervenção humana, pois a relação homem-natureza está presente

de forma mais intensa, pois os mesmos mantêm atividades cotidianas com água, terra e floresta.

Na pesquisa foi utilizado para a coleta de dados e levantamento tipo Survey, com aplicação de formulários, com questões de múltipla escolha e abertas, de caráter socioeconômico (renda, atividade econômica, benefícios sociais), sobre saúde (tipos de doenças, atendimento médico, serviços de saúde) e questões ambientais (infraestrutura, esgoto, resíduos sólidos, qualidade ambiental dos ecossistemas).

Realizou-se a observação sistemática, por meio da qual foi presenciada a realidade desse lugar, interagindo com os moradores ao participar de algumas das suas atividades. Para essa técnica foi elaborados roteiros de observação com registro sistemático no diário de campo, com a observação, principalmente, registrados as dimensões territoriais e as territorialidades das populações rurais do Zé Açú.

Observamos a vida cotidiana em seu contexto socioambiental, ouvindo as narrativas e as lembranças, assim como analisando os documentos referentes a esses lugares, onde foi possível obter um volume de dados qualitativos relevante para a pesquisa.

Utilizamos também entrevistas (individuais e coletivas), padronizadas, com roteiro semiestruturado e gravadas para facilitar a análise. As entrevistas com os sujeitos da pesquisa consistiram em um importante instrumento, possibilitando a compreensão desses lugares a partir de inúmeras características, ou seja, compreensão do mundo vivido onde foi possível verificar como os mesmos apreendem com as mudanças pelas quais esses territórios estão passando, assim como suas perspectivas em relação ao futuro.

Este artigo está assim dividido: o capítulo I, Formação histórica das comunidades amazônicas e seus aspectos socioculturais; onde procurou situar a pesquisa no contexto dos estudos sobre a formação histórica das comunidades, em se analisa o surgimento das primeiras comunidades rurais na Amazônia. Também no capítulo I discute-se sobre o território e a questão da identidade que estão indissociavelmente ligados. Além de se fazer uma análise da relação rural e urbano (campo e cidade), mostrando suas diferenças e complementaridades. Sustentabilidade nos territórios rurais. Este apresenta o contexto histórico e ideias de alguns teóricos acerca da sustentabilidade. O capítulo II começa com a descrição da Comunidade do Bom Socorro do Zé Açú, e por diante apresentação das discussões e resultados obtido pelo trabalho.

2 FORMAÇÃO HISTÓRICA DAS COMUNIDADES AMAZÔNICAS E SEUS ASPECTOS SOCIOCULTURAIS

Muitas comunidades Rurais da Amazônia passaram por um processo histórico semelhante no seu processo de constituição. Cabe entender como as comunidades amazônicas se formaram no contexto geral da Amazônia, visto que seu aspecto histórico é fundamental para saber como as mesmas vão se delineando, até chegar no período atual.

Fraxe (2011) ressalta que o processo de formação dessas Comunidades amazônicas foi se configurando principalmente com o envolvimento da igreja católica, e por isso mesmo não se pode desconsiderar o papel que a mesma tem e teve na formação social e cultural dessas comunidades. Porém é preciso deixar claro que mesmo antes da chegada da igreja católica, muitas populações rurais já mantinham relações de comunidade, (festejos, relações de parentesco, ajuda mutua, organização social, etc.) então, a igreja em muitos casos apenas se introduziu na organização política, social e cultural das mesmas, Silva (2009) deixa isso claro quando analisa a formação das comunidades rurais de Parintins, porém, a questão é que a igreja deu para esses povos o sentido de ser Comunidade, quando, por exemplo, contribuí para a escolha do nome e organização política das mesmas.

Mas em muitos casos Silva (2009) expõe que o processo de formação das Comunidades amazônicas realmente implicou no envolvimento direto da igreja católica, pois através dos movimentos eclesiais de base as populações que antes viviam dispersas em determinadas localidades, como em volta de lagos, áreas de várzeas ou mesmo de colônias agrícolas, foram incentivadas a ocuparem um determinado local. Essa estratégia foi utilizada também como forma de as populações terem acesso aos serviços, que embora precário são oferecidos nesses aglomerados.

No que se refere aos aspectos socioculturais das Comunidades rurais amazônicas, é imprescindível destacar que, segundo Fraxe (2011) apesar das mesmas possuírem uma serie de peculiaridades por terem passado por um processo histórico semelhante nas suas constituições, ainda assim não se pode afirmar que as

mesmas são homogêneas, pois toda Comunidade possui certas características próprias.

Charles Wagley (1988) entendesse que o aspecto sociocultural das Comunidades amazônicas no que tange economia, religião e política parecem interligados num único sistema cultural, e todas as comunidades recebem a herança cultural da região a qual pertence, pois não se pode desconsiderar, por exemplo, que o modo de vida seja referente ao trabalho, as superstições, como as lendas do boto e da cobra grande, assim como na forte religiosidade, e esses são elementos ainda muito presentes na vida dos moradores em uma comunidade amazônica, principalmente aquelas localizadas as margens dos rios, lagos e igarapés.

No que se refere a importância da igreja católica como instituição marcante da vida d comunitário, a autora Therezinha Fraxe (2011) argumenta que a igreja representa o núcleo social dos moradores, pois a maioria das atividades realizadas na Comunidade são instituídas na igreja, sendo que aos cultos aos domingos constituem o momento de encontro e reunião.

3 TERRITÓRIO E IDENTIDADE

O território é uma das categorias de análise da geografia, ele é resultante da relação da sociedade com o espaço construído e apropriado, onde os grupos sociais ocupam um espaço físico, utilizado e ampliando, estabelecendo sentimento de pertencimento e identificação.

Claval (1996) ressalta que a construção das identidades assume uma dimensão geográfica: um grupo preocupado em não ver suas novas gerações se afastarem dos ideais tradicionalmente professados tem interesse em viver isolado. Desse ponto de vista, a construção do território faz parte de estratégias indenitárias.

Por tanto nesse contexto Paul Claval aponta que:

“As comunidades fragmentadas nem sempre se contentam com um centro simbólico próximo, campanário ou minarete, para se federar. Elas experimentam a necessidade de se fechar em microterritórios dos quais elas saem somente para realizar o trabalho e as trocas que lhes permitem viver. Elas criam colônias, ou aceitam sem muito sofrimento ser fechadas em guetos, na medida em que estes lhes garantam sua identidade. O ideal, para muitos, não é se reunir para recriar uma grande unidade territorial, mas transformar o gueto em pequeno território inviolável” ... Claval (1996, p. xx)

O território serve como uma base para sentimentos e identidade de diversos modos. A transição para a pós modernidade desafia as forças por trás de identidades tradicionais, que induzem a uma busca de identificação.

O território é um espaço utilizado pela coletividade, criando assim identidades, podendo adquirir dinâmicas econômicas próprias, em que surgem relação de poder e conflitos que visam construir formas de dominação e controle de deste espaço. Como afirma Segato (2005, p. 2), “território alude a uma apropriação política do espaço que tem que ver com sua administração e, portanto, com sua delimitação, classificação, habitação, uso, distribuição, defesa e muito especialmente, identificação”.

Rogério Haesbaert apresenta importante discussão sobre o conceito de território e sua compreensão nas análises espaciais, principalmente quando consideramos o estudo dos territórios simbólicos no qual “cada grupo social estaria profundamente enraizado a um “lugar” ou uma paisagem, com a qual particularmente se identifica” (HAESBAERT, 2009, p. 118)

Quando falamos de territórios rurais, nos referimos aos espaços que apresentam discussões sobre questões que envolvem tanto as formas de apropriação quanto o uso do território para diversos fins como a produção agrícola, pesca, pecuária, extrativismo entre outras utilizações.

4 A RELAÇÃO RURAL E URBANO

Uma questão relevante neste trabalho é fazer uma análise dos conceitos rural e urbano (cidade e campo). Sendo assim, faz-se necessário uma abordagem desses dois conceitos. Essa análise tornasse de fundamental importância para compreender aos processos engendrados por ambos na comunidade pesquisada.

Lefebvre (1999, p. 49-51) aponta que a cidade representa a concentração, enquanto que o campo, a dispersão e o isolamento. A diferença entre esses espaços se produz em função da divisão do trabalho.

Quanto as áreas rurais a autora Priscila Bagli (2006) diz que no rural as relações cotidianas são construídas sobre um tempo mais ligado a uma lógica territorial que se consolida por meio da intensa relação com a natureza. As pessoas estão imbuídas por uma lógica que seguem outras usualidades e estilos, portanto, que expressam outro modo de vida.

Priscila Bagli (2006) argumenta também que nos espaços rurais, as relações cotidianas são construídas tendo como base uma intensa relação com a terra. O sustento da família é assegurado pelo trabalho sobre ela produzido, seja por intermédio dos produtos cultivados (para venda ou consumo), seja por intermédio da criação de animais (pastagem e outras fontes de alimento). A terra não é mero chão, mas a garantia de sobrevivência.

Priscila Bagli (2006) argumenta que diferentemente do espaço rural, em que o tempo é bastante ligado a lógica da natureza, e as transformações ocorrem em ritmo lento, o espaço urbano em seu processo de produção e reprodução, passa por constante renovações e transformações. Sendo possível perceber esse processo nas casas e prédios construídos e destruídos, nas ruas e avenidas traçadas e alargadas, no fluxo das pessoas e dos automóveis, nas vitrines das lojas, nas mercadorias vendidas, enfim, na infinidade de coisas que surgem sucessivamente.

Por tanto para Priscila Bagli (2006) nos ambientes urbanos as pessoas encontram-se imbuídas por uma lógica em que a rapidez dos acontecimentos determina o ritmo de seu modo de vida. No trabalho e no descanso, as compras e o lazer são cadenciados pelo compasso da lógica do capital de maneira mais real. Nesse tempo o relógio é o condutor: controla a hora de dormir, acorda, trabalhar, se alimentar e descansar. O tempo é acelerado e curto.

Outro ponto sobre a relação rural e urbano é analisar a forma que ambos se atingem e se transformam nas suas relações, pois se acredita que o urbano é um processo contínuo, que pouco a pouco vai incorporando, se apropriando, impondo hábitos, costumes e ideologias, enfim, modos de vida diferentes em áreas rurais, principalmente diferentes do que antes eram, mas não significa o fim desse rural, e sim podendo criar um rural transformado, que se caracteriza numa relação mais intensa com o urbano.

Nessa linha de raciocínio concorda-se com as concepções de Saquet (2006, p. 160) quando o mesmo afirma o seguinte:

Um aspecto importante, é a não definição do rural somente pela agricultura e do urbano somente pela indústria. Ambos se relacionam reciprocamente e contém uma miríade de aspectos específicos inerentes a formas de vida distintas. Há complexidade e heterogeneidade nos espaços rural e urbano. Elas são territoriais, com temporalidades e territorialidades. O que varia são os arranjos, as intensidades, formas e conteúdo, as velocidades. Um só pode ser

compreendido em suas relações com o outro, pois um está no outro, só vem a ser pelo outro, numa relação complementar, dialeticamente definida.

É importante notar que Saquet (2006) nos leva a entender essa relação não apenas como conceitos de realidades opostas, mas como conceitos que se articulam, que se integram, que se transformam nas suas relações. Ou seja, assim como existe as diferenças entre o rural e o urbano, também há as complementaridades.

Priscila Bagli (2006, p. 96) também nesse contexto ressalta que:

As mercadorias transformadas e produzidas na cidade (eletrodomésticos, automóveis, vestimentas e etc.) invadem o campo, assim como os produtos gerados no campo (alimentos em geral, matérias-primas) invadem a cidade. Essa relação entre campo e cidade se intensifica, porque a divisão territorial do trabalho, estabelecida pelo desenvolvimento do modo de produção, coloca funções especiais para cada espaço, de modo que eles se interacionem e se complementem. Ambos se transformam, se adequando as mudanças ou a elas resistindo.

A partir dessa análise nota-se que tanto o urbano como o rural não podem ser analisados de forma separada, como se fossem coisas distintas e sem relação, mas sim, ao contrário, devem ser trabalhados num contexto de uma relação dialética, onde ambos se entrelaçam e se transformam nas suas relações.

4.1 A SUSTENTABILIDADE DOS TERRITÓRIOS RURAIS

O constante aumento da população mundial trouxe um aumento na demanda por alimentos e, conseqüentemente, uma necessidade de maior produção agropecuária. A nova compreensão de agricultura possibilitava a criação de novas tecnologias e técnicas a serem aplicadas na mesma, rompendo radicalmente com o passado. Segundo Assis (2006), o processo de evolução tecnológica permitiu que houvesse um acúmulo de conhecimentos do ser humano que possibilitasse o avanço produtivo na agricultura, contando também com a possibilidade de redução da influência ambiental na mesma. Essa redução da influência ambiental se deu mediante novas práticas artificiais que pudessem dar condições de alimentação para a sociedade.

Assim, o mundo rural se tornou totalmente dependente e subordinado a novos interesses, classes, formas de consumo do meio urbano, cuja expansão econômica da época exigia. No entanto, a melhoria de técnicas vinda para sustentar todo esse crescimento não foi capaz de diminuir a fome no mundo, além de ter trazido sistemas intensivos em capital que provocaram uma exacerbada artificialização do meio ambiente. Sua degradação veio em consequência desse crescimento econômico, mostrando o caráter excludente do mesmo.

Novos processos sociais e econômicos provocaram alterações nas estruturas das sociedades de grande parte dos países, mudando, inclusive, os modelos tradicionais de interpretação e, conseqüentemente, as ações e medidas governamentais ou mesmo civis. Essa fase de incerteza e mudanças rápidas trouxe à tona as discussões sobre desenvolvimento e desenvolvimento rural, porém, agora, em escala global. Sendo assim, há um consenso entre os teóricos de uma necessidade de mudança para uma nova abordagem: a de um desenvolvimento sustentável. (Assis, 2006)

O desenvolvimento rural sustentável surgiu em meados da década de 80 e muitos autores o tratam como uma continuação do conceito de desenvolvimento rural. Porém, o termo “sustentável” surgiu a partir de uma crescente percepção sobre os impactos ambientais que passaram a ocorrer a partir da década de 70. Tal plano ambiental indica, portanto, a necessidade de as estratégias de desenvolvimento rural adotarem, também, medidas de dimensões ambientais. (Navarro, 2001)

Porém, como afirma Veiga (1994), toda mudança de etapa enfrenta resistência social, já que há uma série de conflitos de interesses: os países mais desenvolvidos são os mais capazes de promover essa mudança, porém, são os que menos se interessam, ao passo que as populações mais pobres são as mais atingidas pela degradação ambiental, mas, ao mesmo tempo, também se consistem em agentes dessa mesma degradação.

Então, o maior desafio para essa nova linha de desenvolvimento, baseado na sustentabilidade, está no combate à pobreza sem esquecer a responsabilidade ambiental (Veiga, 1994), para não comprometer as gerações atuais e futuras, ou seja, é necessário aliar ao crescimento econômico, a justiça social e a conservação dos recursos naturais.

4.2 A COMUNIDADE BOM SOCORRO DO ZÉ AÇU

A comunidade do Bom Socorro do Zé Açú fica distante 14 km da sede municipal de Parintins, por via fluvial, é a forma mais comum de se chegar nessa comunidade é pelo rio.

Oliveira (2004) argumenta que “chega-se às pequenas cidades amazônicas pelo rio quando o barco que navegamos se aproxima. Se for dia, antes víamos a torre da igreja e hoje a torre telefônica, como sinal de modernização; se for a noite, é o clarão da cidade a que se achega vagorosamente, sem pressa, com o tempo para os aconteceres e para a concretização do ser. Chega-se ao porto, quase sempre improvisado, em que tudo parece temporário e inacabado”

Ao se avistar a comunidade do Zé Açú, percebe-se um espaço bastante modificado pelo homem, já não podendo ser descrita como uma comunidade ribeirinha tradicional. A imagem percebida parece também com a descrita por Charlene Silva (2009, p.88) na sua pesquisa do mestrado sobre as agrovilas Mocambo, Caburi e Vila Amazônia, quando a mesma descreve que:

Aos poucos as vilas vão se mostrando, parecem cidadezinhas escondidas na vastidão das matas da floresta Amazônica, não se parecem mais com uma comunidade rural ribeirinha tradicional, a paisagem já está modificada e assim se apresenta aos nossos olhos. Porém, sabemos que também não são cidades.

Apesar da Comunidade de Bom Socorro do Zé Açú ainda não ter se transformado em uma agrovila, mesmo essa sendo a vontade de alguns moradores, não se pode negar que a mesma já tem uma infraestrutura tão desenvolvida quanto as agrovilas pesquisadas por Silva (2009).

Para a construção do histórico dessa comunidade, foi utilizado o livro de Joao Lauro Simas intitulado “1ª história do Zé Açú”. Seu João Lauro e sua esposa dona Raimunda Simas, foram membros fundadores da Comunidade de Bom Socorro do Zé Açú, nome esse dado por eles e pelos padres Danilo Cappelletto e Pedro Vignola.

Simas (2000) relata que um dos fatos mais importantes dessa história ocorreu em 1961, pois graças a ação do padre Joao Andena, com autorização do bispo Dom Arcangelo Cerqua, foi fundada a comunidade de Bom Socorro do Zé Açú.

4.3 ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DA COMUNIDADE DO ZÉ AÇU

População da comunidade de Bom Socorro está em torno de 1200 habitantes, sendo que está dividida em 230 famílias. Bom Socorro possui certa infra estrutura semelhante de uma pequena cidade possuindo 07 ruas e duas travessas, as mesmas são asfaltadas e todas já possuem nomes, essa comunidade possui sistema público de abastecimento de água encanada e energia elétrica. Nesta Comunidade existe o posto de saúde Maria do Carmo com atendimento diário, programas básicos de saúde, atendimento odontológico, onde o médico atende três vezes por semana (segunda, quarta e sexta), conta com três agentes de saúde Comunitários, possui ainda uma enfermeira e uma fisioterapeuta, além de possuir todos os programas de saúde da cidade de Parintins. Na pesquisa constatou-se que no caso do tratamento de doenças ou outra situação que exige o serviço de saúde, 61,90% dos entrevistados declaram que usam os serviços do posto de saúde da Comunidade, e apenas 23,82% disseram usar os hospitais da cidade de Parintins, sendo que as doenças mais frequentes na Comunidade são principalmente a gripe, diarreias e casos de vômitos.

Na área da educação está presente a escola Municipal Prof. João Lauro. Essa escola possui 08 salas; atende do maternal ao 9º ano e possui o ensino tecnológico a noite, atendendo cerca de 622 alunos e possui 20 professores (a maioria possui ensino superior). O ensino maternal possui 21 alunos pela manhã e 24 à tarde. A escola se destaca também por ter uma sala de informática com dez computadores, além de desenvolver um projeto de educação inclusiva, pois conta com uma sala AEE- Atendimento Educacional Especial- atendendo 12 alunos com necessidades especiais.

Essa escola atende principalmente os alunos das Comunidades adjacentes, tanto por via fluvial (barcos) como por via terrestre (ônibus), o que nos leva novamente a questão da comunidade de Bom Socorro do Zé Açú ser a centralidade da região do Zé Açú, não só na área econômica, e da saúde, mas também na educação. Apesar de a escola ser tida como boa por muitos moradores (71%), na pesquisa executada pelo grupo de pesquisa, o gestor da escola argumenta que poderia ser melhorado o transporte escolar, e poderia ainda ter mais projetos voltados para a escola.

Os comércios e mercearias estão presentes na Comunidade geralmente são de moradores, que transformam um cômodo de sua casa em comércio, existe uma significativa variedade no número de mercearias, açougues, pequenos comércios,

lanche e bar. Segundo informações de alguns comunitários os comércios da Comunidade de Bom Socorro abastecem não apenas o consumo local, mas também das demais Comunidades adjacentes, o que torna visível mais uma vez a importância dessa Comunidade como centralidade econômica da região.

Em conversa com alguns moradores muitos relataram que a agricultura familiar não é mais o principal meio de subsistência nessa comunidade, pois muitos alegaram receber benefícios sociais como Bolsa Família e Aposentadoria e até mesmo trabalho na própria comunidade. Mas que ainda sim muitas famílias tem seus sítios em outras comunidades, para o plantio de suas necessidades básicas.

Por meio da identificação das características socioeconômicas e ambientais procurou-se demonstrar que essa Comunidade possui uma configuração diferente das outras áreas rurais do município de Parintins, visto que contém formas e estruturas típicas de áreas urbanas na composição de sua paisagem; pois o espaço modificou-se bastante a medida que a população cresceu, e assim como a configuração espacial, os hábitos e comportamentos mudaram ao longo dos anos a medida que a mesma foi recebendo uma influência mais intensa da racionalidade urbana.

4.4 SUSTENTABILIDADE NO TERRITÓRIO DO ZÉ AÇU

Com base nos relatos dos moradores, na observação in loco constataram-se grandes desafios à sustentabilidade, em suas várias vertentes, para a área estudada. Tomando como referencial um dos principais teóricos sobre esse tema, Ignacy Sachs (2009) que apresenta seis critérios que levariam à sustentabilidade dos sistemas sociais e ecológicos. Identificamos primeiramente os problemas que existem no Zé Açú, e que vão de encontro aos critérios de Sachs, e que precisam ser observados, para que o Zé Açú alcance a sua sustentabilidade. Os problemas identificados foram os seguintes (Quadro 01).

Quadro 01:

OS CRITÉRIOS DE SUSTENTABILIDADE SEGUNDO IGNACY SACHS (2009)	PROBLEMAS IDENTIFICADOS NO TERRITÓRIO DO ZÉ AÇU
Econômico	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Falta de políticas públicas direcionadas para melhorar a qualidade de vida dos moradores das comunidades; ▪ Êxodo rural devido às condições desfavoráveis das populações que moram na zona rural: agricultores, pescadores, extrativistas e pequenos criadores. ▪ Sem perspectivas de crescimento e falta de incentivo para a permanência dos jovens nas comunidades ▪ Aumento de casos de violência nas comunidades rurais (devido consumo em excesso de bebidas alcoólicas e uso de drogas) ▪ Falta de efetivo policial que possa garantir a segurança nas comunidades, principalmente nos finais de semana ▪ Oferta e melhoria dos serviços públicos básicos como saúde, educação, segurança, lazer, transporte e renda. ▪ Pouco investimento no setor de educação e infraestrutura para os professores das comunidades ▪ Pouco investimento no posto de saúde no quesito de remédios para dar aos comunitários ▪ Falta de uma farmácia na comunidade ▪ Internet precária, visto que em grande parte das comunidades não tem sinal ou o sinal da internet é fraco
Social	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Baixa renda devido ao enfraquecimento da agricultura familiar e da pesca. ▪ Dependência de benefícios sociais (aposentadoria, pensão e auxílios do governo) como fonte principal de renda da família; ▪ Falta de incentivo às atividades econômicas que gerem renda para a população local; ▪ Não investimento, pelo poder público municipal, no setor primário (agricultura, pesca, extrativismo, turismo local). ▪ Falta de investimentos em atividades que gerem renda a população local, sem destruir seu ecossistema e nem seus sistemas socioculturais tradicionais. ▪ Insegurança alimentar, com o consumo de alimentos industrializados caros, que comprometem a renda familiar ▪ Artificialização, cada vez maior, da alimentação pelo troca do consumo de produtos locais por produtos industrializados
Ecológica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Intensificação da produção de resíduos sólidos inorgânicos e disposição inadequada dos mesmos em áreas próximas a comunidades ▪ Supressão intensa da vegetação para construção de moradias e vias de circulação; ▪ Aumento da sensação térmica devido a impermeabilização do solo (asfaltamento de ruas);

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Abastecimento de água encanada nas casas insuficiente ou inexistente em algumas casas ▪ Sem tratamento em relação a potabilidade da água consumida ▪ Doenças devido o consumo de água sem tratamento adequado, devido ao aumento pela demanda de água encanada nas casas. ▪ Intensa atividade da pecuária extensiva, retirando a vegetação primária para a plantação de pasto. ▪ Surgimento de Voçorocas em algumas áreas do território ▪ Retirada de areia para a construção civil, próximo às margens do lago ▪ Morte das nascentes ▪ Degradação do solo devido a retirada da cobertura vegetal e constantes chuvas na localidade. ▪ Desaparecimento de espécies vegetais e animais do ecossistema local ▪ Assoreamento do lago devido ao acúmulo de sedimentos em seu leito.
Cultural	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mudanças de hábitos e costumes tradicionais por hábitos da modernidade; ▪ Mudanças nas festas populares, com extinção de algumas e inserção de outras ▪ Enfraquecimento da sociabilidade típica do campo; do sentimento de solidariedade, compadrio e ajuda mútua entre vizinhos e amigos. ▪ Conflitos intra-geracionais (Os jovens não escutam e não respeitam os mais velhos) ▪ Não comparecimento a ritos religiosos, com mais frequência, principalmente pelos mais jovens e os que chegaram recentemente à comunidade
Territorial	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mudança na organização espacial: ruas, loteamentos, valorização de terrenos devido a sua localização (principalmente em Bom Socorro) ▪ Adensamento populacional nas comunidades maiores ▪ Criação de novas aéreas de ocupação para residências (principalmente na comunidade de Bom Socorro) ▪ Infraestrutura e serviços de saúde, educação, lazer e segurança insuficiente devido à grande demanda ▪ Desequilíbrio na relação rural e urbano: Com o favorecimento da área urbana para investimentos na área de saúde, educação, emprego e renda, segurança e lazer, em detrimento às áreas rurais ▪ Uso de forma intensa das praias do Zé Açú, na época da vazante, por pessoas de fora da comunidade, que gera muitos resíduos (como plásticos, latas de bebida,), assim como desrespeito aos moradores com caixas de som alto, que atrapalha o sossego dos comunitários ▪ Alta de um Zoneamento Ambiental que possa identificar as áreas propícias as atividades econômicas e como as mesmas devem ser utilizadas de forma sustentável. Precariedade da estrada que liga as comunidades de terra firme do Zé Açú, pois em determinados momentos

	a mesma está muito cheia de buracos e lama no período das chuvas
Ambiental	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Problemas de conflitos em torno de recursos naturais: água, florestas, sobre exploração dos recursos pesqueiros, retirada de produtos florestais, retirada de areia, retirada das matas ciliares dos lagos, ▪ Adensamento populacional, sem um necessário planejamento. ▪ Aumento da pressão sobre os recursos naturais, tanto de ordem populacional como econômica. ▪ Distribuição, por parte do INCRA, dos lotes da Gleba de Vila Amazônia, da qual o Zé Açu faz parte, sem critérios claros e justos, e não fiscalização do mesmo sobre as atividades que estão em desacordo com a finalidade de um assentamento agrário. ▪ Incentivo, pela municipalidade e órgãos Federais como IBAMA, SEMA INCRA e IPAAM, para atividades que depredam o ambiente, por meio de concessão de lotes de terras e liberação de licenças ambientais sem o devido acompanhamento. ▪ Implantação as torres de transmissão de energia do Linhão, que já estão causando alguns problemas as comunidades como: escoamento superficial intensa, devido ao desmatamento das clareiras; sedimentação da areia nas margens do lago e relatos de maior incidências e intensificação de raios nas proximidades das torres

Fonte: A autora

Primeiramente ouvimos essas pessoas e coletamos as suas opiniões; posteriormente organizamos para que fossem discutidos os resultados pelos próprios a fim de elaborar as alternativas.

Essa ferramenta permitiu visualizar e ajudou a entender alguns problemas, suas causas, efeitos e o que fazer para eliminá-los.

Buscamos identificar quais os setores que devem ser melhorados nas comunidades, os investimentos por conta do poder público. Também identificamos quais os principais investimentos que deveriam ser feitos nas comunidades e a prioridade dada pelos moradores a cada investimentos. Dentre os principais estão: a coleta e destino adequado de resíduos sólidos e melhoria na infraestrutura de água e energia. Em detrimento das problemáticas ambientais ocasionadas pelos resíduos sólidos na comunidade do Bom Socorro do Zé Açu, constatamos que os moradores da comunidade estão sempre fazendo mutirões de limpeza na frente da comunidade. Nesse sentido, o senhor C.M.N, 52 anos, nos relatou que.

” Muitas pessoas não tem a consciência devido ao descarte de lixo,

“muitas vão jogando pela rua, sabendo que o maior problema que eles enfrentam é o lixo em lugares inapropriados. As pessoas tem que ter a consciência do que certo e do que é errado. Sem a conscientização não poderão cobrar soluções para resolver o problema”.

Apesar da comunidade pesquisada ter energia elétrica por conta da chegada do programa do governo federal “Luz para todos”, o mesmo não apresenta qualidade satisfatória, segundo os moradores. É comum a interrupção do fornecimento de energia nas comunidades, principalmente quando chove. E quando a energia falta, leva vários dias pra ser reestabelecida, causando transtornos às pessoas, pois elas já se tornaram dependentes dessa energia, já possuem eletrodomésticos como geladeira e freezer, onde acondicionam a comida que acaba estragando.

A comunidade possui água encanada, porém os moradores encanada, porém os moradores reclamam da falta de tratamento para o consumo, a água contaminada está entre as causas mais comuns de doenças no Zé Açú. Os moradores afirmam que é preciso ter esse investimento no tratamento e distribuição de água nas casas, assim como no saneamento básico, visto que a maioria das casas ainda não possui um modo adequado de tratamento de seus dejetos. Grande parte das casas ainda utiliza as fossas negras o que representa risco para a contaminação das águas superficiais que abastecem essa comunidade.

Em entrevista, pude conversar com um morador bem antigo, que reside na comunidade há vários anos. O senhor A.G.R de 72 anos disse que.

“Moro nessa comunidade há muitos anos e pude presenciar sua evolução. Antigamente não tínhamos isso que temos hoje, as casa eram de madeira, as ruas não eram pavimentadas a comunidade não tinha problemas com drogas e violências, e hoje tudo está mudado. Um ponto negativo que veio devido essa evolução foi a droga e a violência. Muitos jovens tem o acesso fácil a elas e isso prejudica não só a vida deles como toda comunidade, pois junto com isso vem a violência. Espero que isso mude daqui um tempo e esses jovens possam seguir caminhos diferentes”.

Alguns moradores relataram que gostariam que houvessem também investimento para o Ecoturismo, explicando aos mesmos o que seriam essas atividades e os benefícios que poderiam trazer a comunidade. A outra foi a pecuária, para sabermos a importância dessa atividade na visão dos moradores, sendo que

essa atividade foi a que mais provocou alterações na paisagem natural do Zé Açú. Com base nesses problemas relatados pelos moradores da comunidade não podemos compreender a necessidade de haver investimentos pelo poder público.

Observamos que os moradores, ao priorizarem os investimentos para o território, elegeram principalmente a melhoria na educação, saneamento básico e coleta de resíduos sólidos.

Com base no que foi informado pelos moradores no grupo focal, entrevistas individuais, formulários, pesquisa documental e observação direta, organizamos um quadro de possíveis caminhos para que o Zé Açú possa alcançar a sua sustentabilidade tanto ambiental, como econômica, social e cultural. Os possíveis caminhos foram o seguinte (Quadro 02)

Quadro 02:

Os critérios de sustentabilidade segundo IGNACY SACHS (2009)	POSSÍVEIS CAMINHOS PARA A SUSTENTABILIDADE NO TERRITÓRIO DO ZÉ AÇU
Social	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Maior mobilização da população a fim de reivindicar, junto ao poder público, melhorias nos serviços básicos; ▪ Ampliação na oferta de atendimento médico, com mais recursos humanos qualificados para atender nos postos de saúde nas comunidades. ▪ Implantação de uma farmácia popular na comunidade ▪ Implantação de postos de saúde em comunidades que ainda não possuem. ▪ Mais agentes de saúde comunitário ▪ Contratação de médico que fique fixo na comunidade, ▪ Mas medicamentos nos postos de saúde para distribuição gratuita para os moradores ▪ Transporte rápido de pacientes em caso de emergências médicas (Ambulância), que fica disponível 24 horas para atender as emergências ▪ Ações na área da saúde preventiva, para orientação das famílias quanto a prevenção de algumas doenças ▪ Melhoria na qualidade da Educação, com contratação de professores com qualificação e investimento nos jovens filhos da comunidade que estudam nas universidades ▪ Mais estrutura para as escolas das comunidades, com ampliação da infraestrutura para atender mais alunos. ▪ Salas de informática com acesso à internet ▪ Implantação da Escola Familiar Rural;

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Melhorar a infraestrutura da casa dos professores, nas comunidades. E que sejam bem remunerados para que os mesmos permaneçam na comunidade ▪ Inclusão no orçamento municipal de recursos para investimento obrigatório em projetos na área rural ▪ Construção de um posto policial e manutenção de um efetivo da polícia militar na comunidade; estender o programa Ronda no bairro para as maiores comunidades na zona rural ▪ Garantir a segurança alimentar das populações locais e que venham a respeitar seus costumes e tradições ▪ Construção de quadras de esporte e áreas de lazer para a recreação de jovens e adultos. ▪ Maior mobilização política das comunidades ▪ Mais apoio dos comunitários as ações das diretorias das comunidades, assim como a ajuda para ações coletivas que venham a beneficiar a mesma. ▪ Melhoria no acesso à internet nas comunidades e sinal de telefone.
Econômico	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Direcionamento de políticas públicas para a geração de emprego e renda nas áreas rurais que estejam de acordo com as potencialidades locais ▪ Fortalecimento da agricultura familiar por meio de incentivos financeiros, capacitação técnica dos produtores ▪ Facilitar o transporte de mercadorias até a cidade, eliminando a figura do atravessador/marreteiro para que o agricultor possa obter um preço justo por seu produto. ▪ Incentivo a outras atividades econômicas que possam explorar, de forma sustentável, os recursos existentes na localidade como: ecoturismo ou turismo rural, piscicultura, artesanato. ▪ Orientar, capacitar, incentivar e fomentar os agricultores nas técnicas da agroecologia para a produção de hortaliças, verduras, legumes, frutas e outros produtos para que as próprias comunidades rurais de Parintins e que venham a suprir a demanda da cidade, que hoje é abastecida em grande parte por produtores de fora do Estado. ▪ Cursos de formação (técnico agrícola, zootecnia e plantas medicinais) para os filhos do Zé Açu, para que os mesmos possam permanecer em seu território e contribuir para o desenvolvimento e melhor qualidade de vida. ▪ Construção de um Banco Postal nas principais comunidades, para que os aposentados, pensionistas e outras pessoas que precisam receber seus benefícios sociais não precisem se deslocar até a cidade. ▪ Melhorar a geração de energia elétrica, para que haja uma energia confiável e de qualidade, com um preço justo. ▪ Controlar o preço cobrado por produtos, pelos donos de comércios locais, que muitas vezes são muito elevados.

Ecológico	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Implantação da coleta seletiva nas comunidades ▪ Palestras em relação a resíduos sólidos e educação ambiental ▪ Projetos de arborização das ruas nas comunidades maiores e manutenção da vegetação nas comunidades menores ▪ Melhorias no abastecimento de água com o tratamento adequado para consumo ▪ Melhoria nas condições de saneamento básico nas comunidades ▪ Fiscalização dos órgãos ambientais quanto a atividades da pecuária e extração mineral no Zé Açú ▪ Recuperação de áreas degradadas com o devido reflorestamento das espécies nativas ▪ Monitoramento das voçorocas existentes na localidade ▪ Preservação da mata ciliar ▪ Alternativas sustentáveis de manejo do solo (Plano de Recuperação de áreas já degradadas) ▪ Evitar a pesca predatória, punindo legalmente, aqueles pescadores profissionais que utilizarem apetrechos proibidos por lei ▪ Conservar os <i>habitats</i> naturais dos peixes, pássaros, quelônios e pequenos mamíferos, para que os mesmos possam se reproduzir sem interferências antrópicas
Cultural	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Incentivo a manutenção dos costumes e tradições no Zé Açú como: festas religiosas, boizinho, quadrilhas e pastorinhas ▪ Revalorização do sentimento de pertencimento as suas raízes rurais; ▪ Valorização dos conhecimentos tradicionais oriundos da vivencia e do cotidiano com o lugar ▪ Incentivo a continuação da tradição de realização das festas em honra aos santos seguindo seus ritos ▪ Respeito as crenças religiosas e a pluralidade de credos ▪ Retorno e Fortalecimento da união entre os moradores e das famílias ▪ Incentivo a formação de grupos de jovens na igreja ▪ Fortalecimentos do clube de mulheres para a prática de atividades que venham beneficiar a comunidade ▪ Projetos na escola que venham a mostrar aos mais jovens a importância da valorização do sentimento de pertencimento a comunidade, aos <i>habitus</i> e costumes e as tradições da cultura local ▪ Intensificação de relações intra e inter comunidades que reforcem o sentimento de pertencimento ao território do Zé Açú
Territorial	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ordenamento Territorial no Zé Açú, com a definição do uso e ocupação do solo, que estejam de acordo com as características ambientais, econômicas e sociais daquela localidade, levando em consideração as populações tradicionais ali existentes ▪ Respeito as territorialidades dos ribeirinhos do Zé Açú, garantido o seu acesso e uso dos recursos naturais em acordo com seu <i>ethos</i> ambiental herdado, construído,

	<p>reproduzido. Mas que também foi ressignificado ao longo do tempo pelos mesmos.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Melhorar o acesso entre as comunidades por via terrestre (estrada) e fluvial (rio) que possa facilitar o fluxo de pessoas e produtos. ▪ Melhoria da estrada que dá acesso as comunidades de terra-firme, e onde está localizado as colônias e terrenos de plantação e roçado.
Ambiental	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cumprimento da legislação ambiental em relação ao uso do solo, das águas e das florestas ▪ Proibição de desmatamento das áreas de proteção permanentes do lago do Zé Açú. ▪ Promoção de atividades de educação ambiental como palestras sobre as temáticas: Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável; Turismo e meio ambiente; Paisagens Naturais e Culturais; Ecossistemas Lacustres; a Importância da água no Século XXI; Legislação Ambiental, Degradação Ambiental, Coleta seletiva, entre outros temas. ▪ Capacitar os comunitários em monitoramento ambiental para que os mesmos possam fiscalizar e denunciar as injustiças ambientais cometidas no Zé Açú. ▪ Não distribuição de lotes, para assentados que não cumprirem o perfil necessário para ocupar esses lotes ▪ Mais fiscalização do INCRA sobre as atividades incoerentes com um projeto de assentamento rural ▪ Realização de oficinas para sensibilização e reaproveitamento de partes de resíduos sólidos ▪ Programas de incentivo a criação/manutenção de hortas nos quintais das casas ▪ Incentivar a criação e manutenção de uma Horta comunitária ▪ Incentivo a criação/manutenção das farmácias naturais nos quintais, pela plantação e uso das ervas medicinais ▪ Incentivo a criação/manutenção dos jardins, com suas plantas ornamentais na frente e nos quintais da casa ▪ Programas e projetos que venham a demonstrar a importância dos quintais agroflorestais para a alimentação e venda do excedente

Fonte: A autora

O Quadro 2 foi elaborado com as respostas, sugestões e aspirações dos moradores do Zé Açú. Ele não está completo, acreditamos que mais alternativas precisam ser inseridas. Também não significa que se fossem todas implementadas trouxessem imediatamente a sustentabilidade para esse território. Trata-se mais de uma tentativa de reflexão sobre as alternativas disponíveis para a possível melhoria na qualidade de vida dessas pessoas que moram, trabalham e vivem nessas áreas rurais e que merecem viver com tranquilidade e com o ambiente saudável, para que

se reproduzam socialmente, mantendo as suas tradições, seus modos de vida, que não é melhor ou pior que de outras sociedades, mas é a manifestação própria e seu ethos ambiental, que precisa ser respeitado e mantido.

Devemos pensar que o desenvolvimento pode se dar de várias formas, que não necessariamente pode ser em termos financeiros, ou aumento na exploração de recursos naturais.

Por isso, nosso cuidado ao apresentar essas alternativas, e que as mesmas devem ser bem avaliadas para saber até que ponto elas de fato trariam bem-estar e qualidade de vida a essa população sem alterar de forma significativa seu habitus e seu ethos ambiental.

No caso específico do Zé Açu, a preocupação está em mitigar/evitar os problemas decorrentes do uso indiscriminado dos recursos ali existentes, por agentes econômicos externos, sem nenhuma preocupação com as especificidades ambientais e culturais deste território, pois, apesar das mudanças em curso, o mesmo ainda mantém relações próximas com o ecossistema natural, o rio, a floresta. Os moradores têm seus modos de vida pautados nos aspectos culturais tradicionais das áreas rurais como as relações de parentesco e vizinhança, a solidariedade e a ajuda mútua.

Acreditamos que o desenvolvimento deve ser acompanhado por políticas públicas com o apoio dos comunitários que se preocupam com as questões ambientais, evitando a perda de suas riquezas naturais e de seus valores culturais e que as mudanças possam promover a qualidade de vida que essas pessoas merecem, como acesso à educação, saúde, segurança, lazer e renda, evitando com isso o lado negativo da vida nas cidades, como as desigualdades sociais, insegurança alimentar, violência, carência no acesso a serviços médicos, degradação ambiental, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Comunidade pesquisada apesar de estar bastante modificada por elementos do urbano ainda sim é possível encontrar pessoas acolhedoras, simples, que gostam de contar histórias, e isso mostra que o modo de vida rural ainda encontra-se bastante presente na conduta de muitos moradores. Porém, pelos dados obtidos notou-se que ocorreram mudanças socioespaciais significativas na Comunidade de Bom Socorro

do Zé Açú, seja pelo novo formato espacial, pois antes era uma Comunidade rural tradicional do município, mas que agora, trata-se de um lugar bastante modificado, que veio pouco a pouco adquirindo uma infraestrutura típica de uma pequena cidade; com ruas, travessas, comércios, posto de saúde, uma escola bastante estruturada, água encanada e energia elétrica, entre outros serviços de qualidade.

Apesar do modo de vida ainda ser bastante ligado ao mundo rural, como por exemplo, na predominância da agricultura como meio presente na vida das famílias, ou mesmo nas histórias do sobrenatural, na ligação com o rio e a floresta, nas relações de vizinhança, ou ainda no modo de falar; ainda assim não se pode desconsiderar que o urbano encontra-se presente nesta Comunidade, seja através dos elementos urbanos mencionados acima, como também na racionalidade dos comunitários, pois as pessoas que moram nesse lugar utilizam telefones celulares, vestem-se de acordo com os padrões urbanos, assistem aos programas de televisão que expressam o modo de viver urbano, etc., ou seja, acabam tendo também comportamentos de quem mora numa cidade.

Constatou-se que o urbano se apropria e pressiona o rural a se modificar, o rural com isso perde algumas especificidades, porém, resiste significativamente por outro lado, mantendo particularidades; então nota-se que ocorre um processo de apropriação, resistência e manutenção. Na Comunidade, rural e urbano estão presentes numa relação dialética, transformando-se, complementando-se, mas cabe dizer não são realidades semelhantes. Apesar de toda mudança e modificações em seu espaço territorial deve haver a reflexão sobre a sustentabilidade o que deve contemplar as dinâmicas sociais, econômicas, culturais e ambientais como um todo.

As discussões deste estudo auxiliam na compreensão da forma como as sociedades rurais estabelecem suas redes de conexões, as quais envolvem troca de informações entre essas comunidades, intercâmbios culturais, tomadas de decisões relacionadas a forma de organização do território e o uso pelos ribeirinhos, entre outros aspectos importantes do ponto de vista acadêmico, que podem servir como ponto de partida para outras pesquisas do gênero.

REFERENCIAS

ASSIS, Renato Linhares de. **Desenvolvimento Rural Sustentável no Brasil: Perspectivas a Partir da Integração de Ações Públicas e Privadas com Base na**

Agroecologia. Economia Aplicada vol.10 no.1 Ribeirão Preto Jan./Mar. 2006.

BAGLI, Priscila. Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: SPOSITO, M. E. B; WHITACKER, A. M. (orgs). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural.** São Paulo: Expressão Popular, 2006. 81-108.

CLAVAL, Paul. **O TERRITORIO NA TRANSIÇÃO DA PÓSMODERNIDADE.** Universidade de Paris-Sorbonne, 1996.

FRAXE, T. J. P. **Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: Memória, Ethos e Identidade.** Manaus: Reggo edições, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano.** 3. Ed. Barcelona: Península, 1975.

NAVARRO, Zander. **Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro.** Revista de Estudos Avançados, nº43, 2001.

VEIGA, José E. **Problemas da transição à agricultura sustentável. Estudos Econômicos.** vol. 24, São Paulo: IPE/USP, pp. 9-29. 1994.

[1970]. OLIVEIRA, Jose Aldemir de. **A CULTURA NAS (DAS) PEQUENAS CIDADES DA AMAZONIA BRASILEIRA. A QUESTÃO DO MILENIO – VIII Congresso Luso –Afro- Brasileiro de Ciencias Sociais, Coimbra – 2004.**

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial das relações urbano-rurais no Sudoeste paranaense. In: SPOSITO, M. E. B; WHITACKER, A. M.(orgs). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural.** São Paulo: Expressão Popular, 2006. 157-186.

SEGATO, Rita Laura. **Em busca de um léxico para teorizar a experiência territorial contemporânea**. Série Antropológica. Brasília: 2005.

SILVA, C. M. M. **Mocambo, Caburi e Vila Amazônia no município de Parintins: múltiplas dimensões do rural e do urbano na Amazônia** / Charlene Maria Muniz da Silva. - Manaus: UFAM, 2009.

SIMAS, J. L. **1º história do Zé Açú**. Gráfica Parintins, 2000.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1988.